

## UM ESTUDO DE CASO ACERCA DA LINGUAGEM NA IDADE MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Thaízila Silva Santos<sup>1</sup>  
Romualdo S. Silva Jr.<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por finalidade apresentar a problematização da Linguagem na Idade Moderna e Contemporânea onde será apresentada a visão de três autores, os filósofos Locke e Leibniz com o livro *Novos ensaios para o entendimento humano* e o filósofo Ludwig Wittgenstein com os Livros *Tractatus lógico-philosophicus* e *Investigações filosóficas*. A partir da visão desses filósofos, desenvolvemos o trabalho considerando as ideias empiristas de Locke, as ideias inatistas de Leibniz e os pensamentos de Ludwig Wittgenstein acerca do sentido das palavras, onde observamos a problemática da linguagem segundo a visão dos três autores.

**Palavras-chave:** empirismo, inatismo, linguagem, significado.

### Introdução

A problematização da linguagem na Idade Moderna e Contemporânea é sem dúvida uma questão de grande interesse científico. Levando em consideração as ideias e os pensamentos de três filósofos, começando com a visão de John Locke que é um filósofo convencionalista e que defende o empirismo, veremos que ele mostra em seu livro que todo o conhecimento humano é adquirido através das experiências entre as pessoas. Com outro pensamento e criticando essa visão empirista de Locke, se encontra o filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz que é um racionalista que defende a ideia do inatismo, em que o homem é inato por natureza, pois o conhecimento não parte do mundo exterior, em que este conhecimento pode ser considerado como se fosse dado por Deus.

Já nos livros do filósofo Ludwig Wittgenstein, acerca da linguagem, da significação das palavras e a problemática que gira em torno da linguagem. Diante desta situação estaremos diante de duas fases do filósofo Wittgenstein, a primeira fase correspondente aos pensamentos expostos no livro *Tractatus Logico-Philosophicus* e a segunda fase está representada nas ideias expostas no livro “Investigações Filosóficas”, em que podemos notar que há algumas diferenças no pensamento do mesmo autor.

Assim todo o trabalho será desenvolvido acerca da problemática que gira em torno da linguagem na Idade Moderna e Contemporânea através das ideias e pensamentos desses filósofos que contribuíram para a reflexão da linguagem.

### Problematização da Linguagem sob as visões de Leibniz e Locke

---

<sup>1</sup>Departamento de Letras Vernáculas, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. E-mail: [thaizilasantos19@gmail.com](mailto:thaizilasantos19@gmail.com)

<sup>2</sup>Departamento de Física, Universidade Federal de Sergipe, 49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil. E-mail: [romu.fisica@gmail.com](mailto:romu.fisica@gmail.com)

Com base nas teorias do livro de Locke e Leibniz com o título *Novos ensaios para o entendimento humano*, dividido em cinco partes, duas epístolas e uma dedicatória ao leitor e quatro livros, poderemos assim refletir sobre as questões de significação das palavras.

Em suas teorias Locke defende o empirismo, pois para ele o conhecimento e a formação das ideias não se dão no nascimento do homem, mas sim no decorrer de sua experiência e vivência em sociedade.

Deus, ao criar o homem para ser uma criatura sociável, não somente o inspirou o desejo e lhe inculca a necessidade de viver com os de sua espécie, como, além disso, lhe deu a faculdade de falar, para que a linguagem fosse o grande instrumento e o elo da união da sociedade. (p. 541, 1999).

Notamos que para Locke a mente humana recebe as impressões de sentido através das experiências com outros indivíduos, pois para ele a mente humana é como uma folha de papel em branco que à medida que esta vai sendo utilizada aparece marcas ao longo do tempo. Através da comunicação com outros indivíduos, surgem as marcas de impressões de ideias e de pensamentos que vão sendo adquiridos ao longo da experiência.

Locke também fala que é possível produzir sons articulados, mas que esses sons podem não ser transformados em linguagem, pois o importante ao produzir esses sons, é que o homem tenha a capacidade de transformá-los em signos que possam designar os seres e objetos. Através desses signos o homem transmite uma ideia e ao passar esta ideia o homem procura assim ser entendido. Porém, para este entendimento é preciso todo um contexto de significação, pois mesmo as palavras tendo seu significado, quando são isoladas, seu significado não é suficiente para a comunicação como, por exemplo, nós conhecemos muito bem o significado da palavra “bicicleta”, suponhamos que uma pessoa chegue a um determinado local e diga a palavra “bicicleta”, se esta situação for considerada em si mesma, sua compreensão vai ser totalmente diferente, quando esta for dita de maneira contextualizada, uma vez que uma pessoa diga, por exemplo, “minha bicicleta está na oficina”, nesta outra situação é diferente da que foi apresentada anteriormente, pois a frase aqui citada possui uma unidade significadora de sentido e por possuir esta unidade vai existir uma compreensão por parte do interlocutor. Ou seja, quando pronunciamos esta palavra dentro de um contexto o qual buscamos expressar uma unidade real de significação, e apesar de ter significação, esta é dita isoladamente não pode expressar totalmente a sua significação, pois é preciso que outras palavras com unidade significadora forneçam um contexto.

Em seu texto Locke também trata sobre as palavras que não significam ideias, ou seja, para ele existem palavras que mesmo sendo expresso o significado é ausente, mas que não deixa de ser uma ideia representada, pois podem significar a ausência de ideias destas palavras.

Ao longo do texto é retratado que as nossas noções de conhecimento da linguagem originam-se a partir das ideias sensíveis comuns, ou seja, são ideias utilizadas para a aplicação de pensamentos, e assim segundo ele poderíamos classificá-las em dois grupos, as ideias que possuem distinção exterior do indivíduo, chamadas de ideias de sensação, e as que possuem sua origem dentro do interior do indivíduo, chamadas de ideias de reflexão, a partir deste momento, quando o indivíduo recebesse o entendimento destas duas categorias de ideias seria possível à nomeação dessa categoria como ideias simples. Assim poderíamos partir para uma nova questão, pois as ideias simples implicariam a divisão de mais duas categorias, simples que resulta na ideia de coisa única e as compostas que implicam na representação de coisas diferentes e distintas, isto é, para John Locke a palavra ideia gira em torno de um entendimento.

Em todo o texto Locke trata sobre a problematização da significação das palavras, pois segundo ele cada pensamento encerra-se em si mesmo, ou seja, cada um possui sua ideia com significação própria. Porém, esse pensamento criado por uma pessoa precisa possuir sentido para os outros, para que assim haja comunicação e conforto dentro de uma sociedade. Ainda de acordo com Locke, os homens usam as palavras como representação das marcas de suas ideias e pensamentos e, sendo assim todas as vezes que o homem utiliza sua ideia através das palavras nada mais é que recordar seus pensamentos. Quando um homem fala para o outro, ele busca ser entendido, onde ainda nesse contexto podemos dizer que a fala com seus sons articulados e suas representações são as marcas de pensamento da pessoa que fala e busca seu entendimento. Ele também fala que quando o homem não possui ideia própria, não significa que a ideia que ele tenha não seja correspondente a de outra pessoa e que não se podem usar os signos para designar esta. Mas se o homem consegue representar essa ideia mesmo que seja comum a ideia de outros, esta não vai deixar de ser sua, pois se usou as suas palavras para representar as suas ideias em comum com as de outras pessoas e assim cada um usa suas próprias palavras com significação para representar suas ideias.

A partir daí Locke diz que as ideias são as marcas da fala que também está na cabeça de outros indivíduos, pois há uma compreensão por parte do ouvinte. Outro ponto importante é que cada pessoa acredita na realidade de suas ideias, por isso busca ao máximo transmiti-las para os outros, como também a compreensão de suas ideias. Apesar das palavras representarem as ideias das pessoas, não se pode deixar de lado as questões familiares, pois cada um acaba adquirindo os sons articulados que são expostos em seu meio familiar e assim há uma conexão destes com as palavras formadoras de ideias. Porém, na significação das palavras, a liberdade que a linguagem possui é tão grande que apesar dos homens apresentarem as mesmas palavras ao se comunicarem não quer dizer que este teve as mesmas ideias que o outro, mas sim pensamentos e ideias em comunhão com suas próprias e distintas palavras.

A liberdade de cada um para fazer as palavras representarem as ideias que bem entende é tão inviolável que nenhum homem pode obrigar o outro a ter as mesmas ideias que ele, embora usem as mesmas palavras. (LOCKE, 1999, p. 440).

Nota-se que Locke também trata da liberdade da palavra dizendo que o indivíduo pode sim possuir ideias em comum com outros indivíduos, isso não significa que suas ideias não sejam originais ou que simplesmente não se teve ideias, mas sim que elas possuíam algo em comum com a ideia de outras pessoas, porém a liberdade que a linguagem possui faz com que a organização do contexto faça com que sua ideia seja diferente da do outro.

No terceiro capítulo do livro III, sobre os *Novos Ensaios sobre o Entendimento Humano*, Locke fala mais uma vez sobre a significação e o uso da palavra e que esses dois pontos dependem de uma conexão entre eles para haver a aplicação dos signos e de suas ideias distintas.

Locke enfatiza que se os homens transmitem seus nomes, é porque buscam ser entendidos, sendo preciso que o som de sua palavra possua significação para o indivíduo que está ouvindo. Outra questão muito debatida é a nomeação das coisas para buscar sentido para o aprimoramento do conhecimento e das ideias, pois existem ideias distintas, mas que podem ser transformadas em ideias gerais. Mas mesmo assim o homem usa ideias particulares para nomeação, como é o caso de nomes próprios, apesar de ser uma ideia geral pelo fato de ser um indivíduo, mas passa a ser uma ideia distinta na medida em que se dá um nome particular para essa nomeação.

Por consequência, podemos considerar os termos de ideias gerais, pois precisamos de nomeações gerais para determinar uma ou outra existência de ideia particular, e assim para

cada ideia geral que se é adquirida existe uma nova a ser aprendida e assim sucessivamente, ou seja, é um ciclo de aprendizado de ideias gerais constante, em que a diferenciação das ideias se dá a partir da exclusão de particularidades de cada uma deixando somente o ponto em comum entre ambas as ideias. As ideias gerais pertencem ao entendimento e assim podemos dizer que as palavras podem ser usadas como gerais a partir do momento em que são usadas como signos de ideias e assim também podem ser utilizadas como particulares, mas temos que ter em mente que nem sempre as palavras gerais significarão coisas particulares, pois a palavra geral poderá tornar-se signo de uma ideia abstrata.

Segundo os estudos de Locke a essência da palavra pode andar junto com ideia abstrata, pois cada essência das coisas é também a ideia abstrata distinta de cada coisa ou palavra. Assim podemos dizer que a essência de cada palavra é a realidade distinta, ou seja, essência é a real constituição da palavra, pois ela é a ideia que esta representa, assim como Locke fala em seu texto:

Essa é, na origem, a significação própria da palavra, como mostra a sua formação: a primeira denotação de essência é ser, sentido no qual ainda é usada quando mencionamos, sem nomear, a essência de uma coisa particular. (LOCKE, 1999, p. 450).

Considerando as ideias de Leibniz defensor do inatismo, que as ideias já existiam desde o nascimento, que nasciam junto com o indivíduo e que no decorrer do tempo a linguagem só ia sendo aprimorada, fazendo assim uma crítica a teoria de Locke, em que dizia que as ideias não são adquiridas e nem aprendidas através das experiências com o outro. Assim, notamos que Leibniz defendia a multiplicidade e diversidade das línguas que originaram outras línguas.

Em seu livro também intitulado como *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, Leibniz cria um diálogo entre dois personagens para fazer uma crítica ao empirismo de Locke. Logo no primeiro capítulo do livro III, observamos uma discussão entre ambos os personagens retratando o que seriam as palavras e as ideias dentro de uma sociedade. No texto, Teófilo que representa as ideias de Leibniz diz que o homem é forçado a viver em sociedade por uma necessidade da malícia dos indivíduos e que assim se juntariam em grupos para atenderem as suas necessidades e alcançarem seus objetivos. Segundo Leibniz, assim como os animais, os homens também vivem em grupos, mas diferentemente dos homens, os animais não possuem linguagem. Mas se for levar em consideração a teoria de Locke, as palavras são formadas e aperfeiçoadas no indivíduo a partir das experiências que este possui com outro, isto é, em uma relação de contato dentro de uma sociedade. Porém, considerando essa teoria observamos que não acontece o mesmo com os animais, apesar de viverem em grupos.

Contudo, seria necessário possuir mais arte para inventar uma linguagem dos tons, a linguagem das palavras foi formada e aperfeiçoada progressivamente por pessoas que vivem na simplicidade natural. (LEIBNIZ, 1984, p. 211).

Segundo Leibniz as ideias gerais não servem apenas como a perfeição da linguagem, pois não é necessário que o entendimento particular e individual se dê pela essência, mas mesmo assim os termos mais gerais servem-se como a essência da palavra. Assim também é o caso das palavras que representam ideias negativas, onde para Locke não representava nada, ao contrário de Leibniz que diz que a ideia negativa ou o ato de negar também pode representar algo positivo, ou uma ideia positiva. Já as ideias sensíveis podem dizer que elas partem da nossa necessidade de se fazer compreender, levando em consideração também a origem das palavras, a sua formação e como se dá o entendimento de cada ideia.

Ainda no segundo capítulo do Livro III, Leibniz trata sobre a significação das palavras e, logo no início do capítulo ele trata sobre as derivações das línguas, em que ele diz que até mesmo as línguas derivadas de outras línguas são sinais de ideias dos indivíduos e assim é como se ao sofrer mutações essas línguas também se adequam, no decorrer do tempo, em mutações de ideias. Ou seja, as línguas que derivam de outras línguas primitivas quando sofrem as mudanças significam que também são ideias que se modificam no decorrer do tempo. Segundo Leibniz toda vez que conversamos com o outro, o outro procura interpretar nossas ideias e pensamentos como se fossem eles mesmos que estiverem proferindo estas palavras, pois tentamos interpretar a palavra do outro como se fossem nossas. Assim ele reforça que é preciso colocar a palavra no campo das ideias, das interpretações e das significações.

Às vezes se fala mesmo das palavras materialmente, sem poder nesse momento preciso colocar a significação em lugar da palavra, ou em relação as ideias ou as coisas. (LEIBNIZ, 1984, p. 223).

Continuando as reflexões, ainda sobre o livro *Novos ensaios sobre o entendimento humano*, no capítulo 3 do livro III, Leibniz trata sobre os termos gerais, dizendo:

Embora só existam coisas particulares, a grande maioria deixam de ser termos gerais pois é impossível que cada coisa particular tenha um nome particular e distinto, além do que seria necessária uma memória prodigiosa para tanto, muito superior a de muitos gerais que tinham a possibilidade de chamar pelo nome cada um de seus soldados. (LEIBNIZ, 1984, p. 224).

Percebemos claramente que as palavras individuais de certa forma não serviram quase em nada para acrescentar os conhecimentos, visto que muitas vezes existe uma necessidade de mencionar os indivíduos particularmente da nossa espécie sendo que são necessários nomes próprios os quais também são dados aos países, cidades e etc. Assim percebe-se que quase todas as palavras são originárias dos termos gerais, uma vez que dificilmente se inventará um nome especial para caracterizar ou assinalar tal indivíduo.

Para o filósofo as palavras se tornam gerais quando são sinais de ideias gerais e estas se tornam gerais, quando por abstração se separam do tempo. Segundo Leibniz é impossível para nós ter o conhecimento de cada indivíduo e encontrar nele possibilidades de determinar exatamente a sua individualidade, pois todas as circunstâncias podem se repetir, uma vez que a individualidade envolve o infinito.

Para Leibniz, aquilo que se denomina geral ou universal não pertencem à existência das coisas, porém é obra do entendimento de ideias complexas, pois o entendimento que um indivíduo tem sobre um determinado assunto, pode não ser o mesmo entendimento que o outro tenha sobre esse mesmo assunto, sendo que essas mesmas ideias podem fazer parte de novas descobertas, de descobertas simples a partir da derivação de outras ideias. E as essências de cada coisa são apenas as ideias abstratas. A generalidade está na semelhança das coisas singulares e particulares de cada espécie, e esta semelhança forma uma realidade das coisas.

A essência é a possibilidade daquilo que se propõe. O que pode ser possível é expresso pela definição, porém a definição é nominal, quando não exprime ao mesmo tempo a possibilidade, sendo assim neste caso a definição pode causar dúvidas, visto que ela não exprime algo de real, isto é, de possível, até a experiência nos ajuda a fazer e a conhecer a verdadeira realidade.

Assim segundo Leibniz, notamos que existe uma diferença entre as ideias de substâncias e as ideias de predicados, o que se percebe é que as ideias dos predicados são

como se fossem reais e nominais ao mesmo tempo, já as ideias de substâncias são como se fossem somente nominais e assim ele conclui dizendo que em seu entender é que a definição do real abre novas possibilidades ao entendimento das ideias.

### **A linguagem sob a visão de Wittgenstein**

Ludwig Wittgenstein é considerado um dos maiores filósofos do século XX, que possui dois livros que tratam sobre a linguagem, o Livro *Tractatus Logico-Philosophicus* e *Investigações Filosóficas*, porém as ideias expostas nesses dois livros se contrapõem, é tanto que alguns intérpretes costumam dividir as obras em duas fases, “primeiro Wittgenstein” correspondente ao livro “Tractatus” e o “segundo Wittgenstein” que correspondem as suas demais obras.

Primeiramente tomando como base as ideias expostas no livro “Tractatus”, em que trata sobre a realidade da linguagem e sobre sua aplicação lógica buscando sua estrutura, sendo que neste livro o autor também tenta explicar a relação que existe entre objetos e os nomes. Depois evidenciamos o pensamento no Livro *Investigações Filosóficas* em que critica sua própria visão que está exposta na publicação de seu livro anterior, isto é, pontos de vista diferentes acerca do mesmo assunto e principalmente levando em consideração que é o mesmo autor para os dois livros.

No livro “Tractatus” o filósofo Wittgenstein retrata várias questões que estabelecem um limite para pensar sobre como a linguagem pode ser descrita, sendo que em seu livro o filósofo estabelece limites sobre o pensar da linguagem. Seu principal objetivo é prestar esclarecimentos sobre a linguagem, sobre sua essência e traçar uma relação direta desta com o mundo. Assim, seu livro pode ser dividido em três fases, a primeira fala sobre o atomismo lógico das coisas, a segunda a relação entre proposição e pensamento, sendo que ele trata sobre sete tipos de proposições que giram em torno da linguagem e do pensamento, e por último àquilo que não se pode falar.

Em relação ao atomismo lógico das coisas o filósofo defendia que a atividade filosófica baseia-se em criar e defender problemas além de mostrar que a filosofia consistia em criar os falsos problemas e é por isso que se pode notar em seu texto que os problemas filosóficos consistem exatamente nos problemas de linguagem. Assim, percebe-se que o atomismo lógico vai se basear na fundamentação da lógica para que seja possível estabelecer o modo de significação da linguagem. A partir daí verificamos que a intenção do atomismo em Wittgenstein é estabelecer leis e possibilidades que regem todo o espaço, e assim a ideia fundamental do atomismo lógico é a independência lógica do estado das coisas, ou seja, um estado de coisas não vai depender de outro estado de coisas, pois um sentido não irá interferir no outro se levar em conta a independência lógica que este possui.

Outra questão relatada em seu livro é a relação entre proposição e pensamento, sendo que existe uma ligação direta entre esses dois pontos, pois o pensamento está ligado às ideias e estas possuem uma ligação direta com as palavras que quando estão juntas formam a linguagem. Nesse sentido Wittgenstein desenvolveu a teoria da figuração, em que a partir dela podemos ver que as proposições que possuem sentido são aquelas que funcionam como a imagem dos fatos e as proposições que são verdadeiras ou falsas com o objetivo de descrever o estado das coisas, assim ele leva em consideração toda a limitação da linguagem dentro de um espaço e a partir dessas limitações tenta estabelecer relações e comparações com a realidade.

De acordo com a teoria defendida pelo filósofo as proposições podem ser testadas para termos a certeza que esta pode ser tomada como uma proposição verdadeira ou falsa dos fatos que estejam sendo descritos. Nesse sentido podemos ver que as proposições lógicas

supõem que estas possuam significado e sentido, mostrando que mesmo que estas palavras possuam significado independente, esta só terá sentido se estiver em meio a outras palavras, sendo assim essas proposições podem ser tomadas como referência verdadeira ou falsa se estiver em meio a outras palavras que formam um contexto para significação.

Assim de acordo com a teoria que Wittgenstein defende em que a lógica das proposições só terá sentido, quando se descreve um estado de coisas, pois as sentenças podem ser as mesmas e mesmo assim podem significar coisas diferentes ou então as sentenças podem ser diferentes e significarem a mesma coisa, até porque o estado de coisas de um não interfere em nada em outro estado de coisas. Assim a questão que gira em torno das proposições e da teoria da figuração são as combinações que serão feitas entre a linguagem e realidade, se a proposição se efetivar com a realidade ela é verdadeira e se ela não se efetiva com a realidade ela pode ser considerada como uma proposição falsa. Consideramos então que uma das problemáticas do filósofo é estabelecer limites entre o que pode ou não ser dito através da linguagem.

Dando continuidade aos pensamentos expostos de Wittgenstein podemos agora tomar como base o terceiro ponto tratado em seu livro que é sobre aquilo que não se pode falar, ou seja, por tentar estabelecer limites em relação com o mundo, tudo que se encontra fora desta relação tanto com o mundo quanto com a linguagem é tudo que não se pode ser dito, pois foge as regras de limitação e significação que foram estabelecidas para serem explicadas. Observamos que há uma relação de significação entre o mundo e a linguagem, então se foge a essa regra de limitação torna-se tudo aquilo que não se pode ser dito.

Levando em consideração todas as questões apresentadas sobre a teoria exposta no “Tractatus”, notamos a relação estabelecida entre os três pontos e que a teoria esta baseada na linguagem, da problematização e das limitações da mesma. Ele também acreditava na realidade da palavra e da linguagem para se alcançar a estrutura lógica, sendo que para Wittgenstein era possível explicar a natureza de significação da linguagem através da forma e estrutura lógica para traçar um limite de pensar, pois somente no pensamento é que a linguagem teria seu limite traçado.

No entanto, no livro *Investigações Filosóficas* observamos as mudanças que ocorreram em seus estudos com relação à problematização da linguagem, seguindo duas linhas de pensamentos, entrando em contradição. O autor tenta mostrar no livro conceitos referentes à linguagem, sobre o uso dos jogos de linguagem tentando superar algumas questões relacionadas ao significado da palavra. Ou seja, o filósofo tenta mostrar que a linguagem origina-se de uso comum e são desse uso é que depende o significado da palavra. Assim, Wittgenstein tenta mostrar que há uma relação direta entre as regras para a determinação da significação das palavras para a aplicação dos conceitos de linguagem.

Wittgenstein inicia seu livro com uma citação de Santo Agostinho, em que acredita que esta expressa a questão da significação e da essência da palavra, da nomeação dos objetos e das combinações das sentenças e assim a linguagem deve servir para o entendimento.

Se os adultos nomeassem algum objeto e, ao fazê-lo, se voltassem para ele, eu percebia isto e compreendia que o objeto fora designado pelos sons que eles pronunciavam, pois eles queriam indicá-lo. Mas deduzi isto dos gestos, a linguagem de todos os povos, e da linguagem que, por meio da mímica e dos jogos com os olhos, por meio dos movimentos dos membros e do som da voz, indica as sensações da alma, quando esta deseja algo, ou se detém, ou recusa ou foge. Assim, aprendi pouco a pouco a compreender quais coisas eram designadas pelas palavras que eu ouvia pronunciar repetidamente nos seus lugares determinados em frases diferentes. E quando habituara minha boca a esses signos, dava expressão aos meus desejos. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 27).

Uma das primeiras ideias de Wittgenstein a serem apresentadas é que as palavras da linguagem servem para a nomeação dos objetos e com isso pode descrever o mundo das combinações dos objetos levando sempre em consideração que a função principal das frases é descrever o mundo através das combinações das palavras para se verificar as condições em que estas frases podem tronar as proposições em verdadeiras ou falsas.

Ele afirma que ao considerar todos os nomes como palavras e que todas as sentenças são descritivas implicará num funcionamento equivocado em relação à significação das palavras. Assim deixa claro que o problema não é considerar que todas as palavras nomeiam os objetos e que toda sentença serve para descrever os fatos, mas sim fundamenta sua crítica na generalização da filosofia tradicional, que considera que esta é a única possibilidade. Ele mostra também que é preciso considerar não só o significado que a palavra possui independentemente, mas é preciso verificar também o contexto que a palavra esta inserida, pois assim sua significação pode apresentar diferentes funções.

Com efeito, o que nos confunde é a uniformidade da aparência das palavras, quando estas são ditas, ou quando com elas nos defrontamos na escrita e na imprensa. Pois seu emprego não nos é tão claro. E especialmente não o é quando filosofamos. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 31).

Percebemos que todas as palavras parecem ser uniformes, isto é, que todas as palavras são iguais e possuem a mesma função, principalmente quando se está filosofando. Assim vemos que não é possível simplesmente limitar que as palavras somente servem para nomear os objetos e que as sentenças para descrever o estado das coisas, pois está só terá sentido se for levar em consideração o contexto.

Diferentemente do livro “Tractatus” de Wittgenstein, onde busca uma teoria para explicar o significado das palavras, no livro *Investigações Filosóficas* não acontece, pois ele não quer explicar a significação das palavras, mas busca mostrar que não é preciso a filosofia explicar a linguagem e sim listar e estabelecer as suas possibilidades e os seus usos. Com isso notamos que a linguagem exige uma infinidade de multiplicidade de usos e de variedades linguísticas e é a partir daí que devemos buscar compreender como funciona o uso da linguagem. Assim é possível fazer um estudo do significado das palavras para ver as melhores condições e regras em que cada uma pode ser enquadrada formando assim um jogo de linguagem.

Em “Tractatus” Wittgenstein acreditava que a significação da palavra deveria ser exata e lógica e para obter essas respostas exatas fazia perguntas diretas, mas afirmava que essas perguntas atrapalhavam como poderíamos perceber a funcionalidade das palavras, pois elas funcionam de diferentes formas de acordo com os contextos em que se encontram inseridas, até mesmo porque a linguagem é dinâmica e pode apresentar diferentes funções e, é esse dinamismo que o filósofo como “jogo de linguagem”. Já no seu outro livro mostra que o tal “jogo de linguagem” pode ser utilizado para uma comunicação, pois existem finalidades e objetos, mas devemos considerar como uma totalidade da linguagem até mesmo porque a linguagem envolve situações diferentes com finalidades e objetivos totalmente diferentes e assim mediante esse conceito de jogos de linguagem Wittgenstein ressalta que as palavras não funcionam sempre da mesma maneira, isto é, as palavras podem ocupar diferentes papéis, em que só se pode saber o que cada palavra significa realmente quando se percebe o jogo de linguagem onde ela está inserida.

Na práxis do uso da linguagem (2), um parceiro enuncia as palavras, o outro age de acordo com elas; na lição de linguagem, porém, encontrar-se-á este processo: o que aprende denomina os objetos. Isto é, fala a palavra, quando o professor aponta para a pedra. --- Sim, encontrar-se-á aqui o exercício ainda simples: o aluno repete a

palavra que o professor pronuncia---ambos processos de linguagem semelhantes. Podemos também imaginar que todo o processo do uso das palavras em (2) é um daqueles jogos por meio dos quais as crianças aprendem sua língua materna. Chamarei esses jogos de “jogos de linguagem”, e falarei muitas vezes de uma linguagem primitiva como de um jogo de linguagem. (WITTGENSTEIN, 1999, p. 29 e 30).

Assim levando em considerações todas as ideias apresentadas por Wittgenstein, podemos afirmar que a linguagem não pode ser limitada, pois a significação de cada palavra depende da forma, do modo e em que meio ela se encontrará inserida. E desse a linguagem está inserida dentro de uma instituição que segue regras e são estas regras que determinam como a palavra se deve comportar seguindo as regras que constituem nossos padrões linguísticos.

### **Considerações finais**

Com base nos filósofos estudados acerca da problemática da linguagem, percebe-se as posições tomadas por cada autor. O filósofo Locke com sua ideia empirista defendendo que o conhecimento parte de uma questão social, isto é, através das experiências partilhadas com outros indivíduos. Já para Leibniz que é um racionalista, com a ideia que acredita e defende a teoria do inatismo, em que os conhecimentos já nascem com o indivíduo como se fosse um conhecimento dado por Deus.

Observamos também o pensamento do filósofo Wittgenstein, onde em seu livro “Tractatus” trata sobre as questões lógicas da linguagem e sobre as proposições e como podemos considerá-las como verdadeiras ou falsas. Já no livro *Investigações Filosóficas* trata sobre a significação da palavra, a limitação, as regras, os jogos de palavras e as relações que existem para se formar um contexto.

Assim diante de todas as ideias apresentadas, concluímos que o sujeito já nasce com o entender básico das coisas, mas que precisa mais do que nunca da experiência com outros indivíduos para que a linguagem seja formada, concordando com a visão do filósofo Wittgenstein, exposto no livro *Investigações Filosóficas* onde ele expõe que a linguagem e as palavras não podem ser limitadas e que o sentido da palavra depende muito das regras em que estão inseridas. Ou seja, o entender da linguagem depende muito do contexto em que as palavras estão inseridas.

### **Referências**

LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. **Novos ensaios sobre o entendimento humano**. São Paulo: Abril cultural, 2ª ed. 1984.

LOCKE, John. **Ensaio sobre o entendimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico-philosophicus**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1968.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.